

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

ESTER APARECIDA RANUZI

EXPECTATIVAS E VIVÊNCIAS ESCOLARES EM UMA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO PEDAGÓGICO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS

UBERLÂNDIA
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

ESTER APARECIDA RANUZI

EXPECTATIVAS E VIVÊNCIAS ESCOLARES EM UMA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO PEDAGÓGICO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS

Memorial apresentado como Trabalho de
Conclusão de Curso de Pedagogia à
distância, a Universidade Federal de
Uberlândia – UFU.

Orientadora: Dra. Geovana Melo

UBERLÂNDIA
2021

ESTER APARECIDA RANUZI

EXPECTATIVAS E VIVÊNCIAS ESCOLARES EM UMA CONSTRUÇÃO DO
CONHECIMENTO PEDAGÓGICO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS

Memorial apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia à distância,
a Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Orientadora: Dra. Geovana Melo

Uberlândia 25 de Novembro de 2021.

*A minha mãe, que sempre foi o meu maior ensinamento;
A minha filha, meu maior tesouro;
Ao meu esposo, meu companheiro de todos os momentos.*

“O momento é de gratidão as minhas memórias e a todos que fazem parte da construção dessa trajetória, em busca de conhecimento e de um mundo mais justo”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, imensamente a Deus, pois sem a minha fé nele, nada teria sido possível.

A minha mãe, pelo carinho, dedicação e por sempre ser minha principal incentivadora.

A minha pequena Eloiza, pois mesmo sendo ainda uma criança, sempre soube entender minhas ausências, a necessidade das horas de estudo, comportando-se com uma “grande menina”. Meu amor e meu tudo, sempre será você.

Ao meu companheiro, Everton, pelo apoio, por acreditar sempre em mim e estar tão presente na minha vida. Nossas conquistas sempre iremos adquiri-las juntos, pois sem essa parceria constante, nosso amor não seria tão sólido.

A minha orientadora, Geovana Melo, pelo saber transmitido e, principalmente, pelo apoio constante, nas leituras e nas sugestões, no decorrer de todo o trabalho.

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente participaram deste estudo, da minha vida e da minha caminhada educativa.

RESUMO

O presente Memorial tem como objetivo descrever expectativas e vivências escolares que se efetivaram na construção do conhecimento pedagógico sobre os Direitos Humanos. A elaboração foi construída dentro de uma trajetória de vida e acadêmica na qual foi possível entrelaçar o tema Direitos Humanos considerando minha formação humana e construindo os saberes para uma prática de maior qualidade social, visando uma ação mais democrática e libertadora. O estudo justifica-se como um requisito para obtenção de formação no Curso de Pedagogia, pela Universidade Federal de Uberlândia. No memorial discorro, de modo crítico-reflexivo sobre minhas origens, minha formação acadêmica e cidadã, minha trajetória institucional no ensino superior, sempre buscando articular aos conhecimentos relacionados aos Direitos Humanos. O estudo faz abertamente um parâmetro analítico de uma trajetória de vida, mas ao mesmo tempo, demonstra como foi se construindo o desejo e a intenção de discutir sobre o tema Direitos Humanos, principalmente, pelo fato desse merecer atenção de todos os egressos da Pedagogia. Mediadores da aprendizagem e agentes de formação cidadã os pedagogos precisam cultivar na aprendizagem realizada na sua trajetória de vida e acadêmica o interesse pelo próximo, por lutar por um mundo mais igualitário. Concluiu-se no estudo que mais que buscar uma formação é preciso que o educador seja um agente transformador capaz de melhorar o espaço que vive e interage, pois se todos tiverem este pensamento, quem sabe um dia pode-se ter uma sociedade com pessoas melhores, com uma geração que de fato compreenda o que são os Direitos Humanos pela própria vivência e não apenas pelos estudos na legislação ou livros sobre o tema.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Memorial; Saberes; Prática; Formação Cidadã.

ABSTRACT

The present Memorial aims to describe about the expectations and school experiences that were effected in the construction of pedagogical knowledge about human rights. The elaboration was built within a trajectory of life and academic in which it was possible to intertwine the theme Human Rights considering my human formation and building knowledge for a higher quality practice, aiming at a more democratic and liberating action. The study is justified as a requirement for obtaining training in the Pedagogy Course, at the Federal University of Uberlândia. In the memorial I discuss my origins, my academic and citizen education, my institutional trajectory in higher education, always seeking to relate to knowledge related to Human Law. The study openly makes an analytical parameter of a life trajectory, but at the same time, demonstrates how the desire and intention to discuss the theme human law was built, mainly because it deserves the attention of all graduates of Pedagogy. Mediators of learning and agents of citizen education, pedagogues need to cultivate in the learning carried out in their life trajectory and academic interest in others, for fighting for a more egalitarian world. It was concluded in the study that more than seeking a training it is necessary that the educator is a transforming agent capable of improving the space that lives and interacts, because if everyone has this thought, who knows one day can have a society with better people, with a generation that actually understands what human rights is by their own experience and not only by studies in legislation or books on the subject.

Keywords: Trajectory; Knowledge; Practice; Citizen Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 EXPECTATIVAS E VIVÊNCIAS ESCOLARES EM UMA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PEDAGÓGICO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS.....	10
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O presente Memorial revela uma trajetória educacional, demonstrando minha caminhada acadêmica onde se destacam as atividades desenvolvidas, as pessoas que fizeram parte de minha história e os principais conhecimentos adquiridos/construídos ao longo de todo um processo de ensino-aprendizagem que jamais será esquecido. Pois segundo Freire (2000, p. 23) “não há docência sem discência”, portanto, não seria hoje uma futura egressa do curso de Pedagogia, se não tivesse sido uma discente.

Foram momentos muito intensos, os quais me transformaram na pessoa que sou hoje, por isso é relevante para minha formação não só realizar este Memorial, como expor neste as minhas perspectivas de estudos, pesquisas, principalmente, em relação ao curso de Pedagogia, como de atuar nesta profissão tão cativante que é ser educadora. Sendo possível resgatar a minha essência, mas ao mesmo tempo alinhá-la ao aprendizado no decorrer do curso que fortaleceram as minhas bases educacionais, para que fosse possível construir um perfil acadêmico, ressaltando as atividades vivenciadas da Educação Infantil até a Universidade.

Este trabalho vem abordar a importância da formação acadêmica, pela minha experiência na trajetória escolar, no trabalho como professora e na formação do curso de Pedagogia. Para isso, exigem-se além de minhas memórias, também, reflexões teóricas com base nos estudos adquiridos no decorrer do curso de Pedagogia, mais propriamente sobre o conhecimento dos Direitos humanos.

Freire (2000) destaca que o ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, pois o professor deve sempre pensar criticamente sobre sua prática de hoje ou de ontem para melhorar a próxima prática. Certamente, ao desenvolver este memorial, estive pensando de forma mais crítica sobre meu hoje, mas também o ligando ao meu ontem. Resultando assim, uma reflexão mais crítica do professor que quero me tornar um dia, não esquecendo jamais de minhas raízes e de minha caminhada, principalmente, dos ensinamentos acadêmicos recebidos até o findar do Curso de Pedagogia, principalmente, sendo um mediador do conhecimento e da formação cidadã.

Neste memorial também, portanto, contém minhas principais experiências vivenciadas durante a trajetória do curso, a importância de estudar pedagogia, as aprendizagens adquiridas durante o curso, às vantagens de estudar na Universidade de Uberlândia, alguns dos problemas enfrentados durante a jornada acadêmica.

Também, busca-se destacar objetivos futuros após a conclusão da Licenciatura em Pedagogia, mas solidificando uma atenção maior quanto ao entendimento sobre os Direitos Humanos (DH)¹. Benevides (1994) faz um alerta ao abordar o tema “Educação para a cidadania”, pois convida a interpretar que os valores e direitos são de grande importância para a formação democrática, mas não basta conhecê-los para que eles sejam respeitados, promovidos ou protegidos. É preciso entendê-los na sua origem, como o que eles significam universalmente, bem como as dificuldades políticas e culturais que envolvem a sua realização.

Entendo por este estudo que é fundamental, que os educadores ao discutir sobre os valores democráticos o façam destacando o valor da solidariedade. Além disso, liberdade e igualdade estão ligadas a tolerância, por isso é fundamental que se eduque para estes valores. No entanto, chama a atenção: não existe democracia “sem uma educação apropriada do povo para fazê-la funcionar, ou seja, sem a formação de cidadãos democráticos” (BENEVIDES, 1994, p. 234).

Sendo o primeiro passo para isso, entender que a educação é um direito de todos os cidadãos e que a escola é o lócus para o desenvolvimento deste direito, solidificando-se assim, o real trabalho do educador a formação do cidadão para que possa construir e lutar por seus direitos, favorecendo assim a abertura para a construção de uma humanidade um pouco melhor. O Memorial reforça a importância da Educação em Direitos Humanos (EDH) no ambiente escolar, pois ela é construída em um processo articulado de forma transversal, onde o educando participa do processo em todos os momentos, desde a construção e aplicação do conhecimento. Tal educação afirma valores e estimula ações que contribuem para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, justa e voltada para a preservação da natureza (BRASIL, 2013).

Sendo assim, o objetivo deste estudo foi descrever expectativas e vivências escolares que se efetivaram na construção do conhecimento pedagógico sobre os Direitos Humanos.

No desenvolvimento foi construída uma trajetória histórica solidificando as expectativas e vivências escolares que ao longo do tempo fui adquirindo, para que se efetivasse a construção do conhecimento pedagógico sobre os Direitos Humanos (DH).

¹ O desenvolvimento dos tópicos seguintes deste trabalho foi realizado em dupla com a graduanda Shirley Lemos Santos e está de acordo com as orientações dadas pela UFU.

Em seguida, tem-se as considerações finais tendo como foco os pontos relevantes e o entendimento de toda a trajetória solidificada por meio da concretização do meu objetivo maior que é me tornar uma pedagoga.

2 EXPECTATIVAS E VIVÊNCIAS ESCOLARES EM UMA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PEDAGÓGICO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS

Escrever este memorial é desafiador, pois me leva por lugares de onde sinto saudades, como também a memórias para onde não gostaria de voltar, nem mesmo nas lembranças. No entanto, reconheço a importância da vida, para a construção de novos conhecimentos, como destacado por Silva (2015) o conhecimento é um trabalho conjunto entre apreensão sensível das coisas com o intelecto, que resulta na estrutura para essa compreensão, dando resultado a uma síntese que seria o próprio conhecimento.

Desta forma, pergunto-me sobre como entendo o conhecimento, do ponto de vista de ser uma cidadã, com direitos e deveres, em interface com a Constituição Federal de 1998, art. 5º, que dispõe que todos os seres humanos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 1988). Preceito também, vislumbrado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), art. 1º, todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade (ONU, 1948).

Na minha trajetória de vida, não foi fácil compreender estes dois documentos legais, pois venho de uma família humilde, sofrida, vivenciei sempre na prática as dificuldades das famílias brasileiras de um modo geral. No entanto, posso avaliar, que ainda vivemos em um país privilegiado, pois como destacam Silva e Tavares (2013, p. 52) “Brasil é avaliado como o país latino-americano que mais avançou na implementação da educação em direitos humanos”.

Nasci em uma família de seis irmãos, quatro mulheres e dois homens, sendo a quinta filha de um casal simples, trabalhadores do campo. Tinham uma vida difícil, com poucos privilégios, mas todos felizes. Quando nasci, meus pais se mudaram para a cidade, para propiciar as minhas irmãs mais velhas maiores a introdução na vida

escolar. Foi um tempo de difícil adaptação, pois a mudança da rotina diária e a situação financeira não foram muito boas.

Dos seis filhos, apenas dois conseguiram terminar o ensino superior, dos demais apenas um não terminou o ensino médio. Não pelo esforço de minha mãe, que foi nosso maior incentivo, para a formação escolar, mas pelas escolhas erradas que ele foi tomando em sua vida. Este irmão, talentoso e amável, acabou cursando do quinto ao nono ano do ensino fundamental, dentro de um presídio, mas graças ao importante projeto desenvolvido pela Secretaria de Administração Prisional do Estado de Minas Gerais, em parceria com a Secretária de Educação de Minas Gerais, que tem instalado dentro das Unidades Prisionais uma sala de aula com o objetivo de que os detentos possam continuar seus estudos.

Entendi, com os conhecimentos adquiridos no decorrer da formação em Pedagogia, pelo exemplo de meu irmão que a escola é uma base que constrói um cidadão melhor. Além disso, como destacado por Tavares (2020) a escola pode não ser o único lugar onde os conhecimentos sobre direitos humanos são construídos, reconhece-se que é nela onde eles são apresentados de modo mais sistemático. Sendo assim, torna-se fundamental ter um olhar atento a minha trajetória, principalmente, ressaltando neste contexto, as minhas vivências e experiências que tanto amadureceram meus ideais, fortalecendo a pessoa que sou hoje.

Minha família, sempre foi muito humilde, meu alicerce, todos vivendo com seus sonhos e objetivos. Meus pais, cada um no seu papel diário, mas lutando para que seus filhos pudessem ter uma vida digna. Minha mãe sempre foi o pilar desta instituição, sua força, dedicação sempre nos fizeram ver a vida de uma forma melhor, mas também, entender o quanto ela pode nos cobrar diariamente.

Com bem destacado por Chalita (2001, pp. 17 e 18) a família é à base da educação de uma pessoa, além disso, reforça que:

[...] por melhor que seja essa escola, por mais bem preparados que estejam seus professores, nunca a escola vai suprir a carência deixada por uma família ausente. Pai, mãe, avó ou avô, tios, quem quer que tenha a responsabilidade pela educação da criança deve participar efetivamente sob pena de a escola não conseguir atingir seu objetivo.

Minha família sempre foi minha fortaleza, mesmo tendo momentos bons e ruins, dividimos o que há de melhor no mundo, os aprendizados e ensinamentos. O que aprendi com minha família, é muito próximo do que Freire (1996, p. 76) sobre o

ensinar, foi que a capacidade de aprender não é “apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a” (FREIRE, 2000, p. 76).

Na minha trajetória acadêmica, iniciei na Escola Municipal Sinhana Borges, da zona urbana de Sacramento, MG, aos 7 anos de idade. Nesta escola minhas irmãs concluíram o ensino fundamental e, também, nela cursei até o sexto ano do ensino fundamental (antiga sexta série). Neste ano, fui reprovada na disciplina de Geografia e por rebeldia, por tal situação, pedi a minha mãe a mudança de escola.

Minhas recordações desses anos iniciais são vagas, recordo-me da professora com voz dócil, a Tia Manuelina, minha primeira professora. Recordo com mais clareza das instalações físicas da escola, um grande pátio, os banheiros com portas de madeira e se voltavam para o pátio central. Era neste que aconteciam as aterrorizantes e vexatórias revistas na cabeça, onde se constatasse que alguma criança tinha piolho a família era avisada. Sempre temia este momento, pois na escola havia uma grande infestação de piolhos na minha infância.

Hoje entendo, o momento vivido e penso sempre que nesta época deveria a gestão a priorizar a Educação em Direitos Humanos (EDH), no ambiente escolar. Afinal esta é “um projeto que exige envolvimento da comunidade escolar, da rede de programação e defesa dos direitos humanos, bem com dos gestores educacionais e sociais” (BRASIL, 2013, p. 12).

Além disso, como dispõe a DUDH, art. 5º ninguém pode ser submetido a situações ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes. Certamente, naquele momento a sensação era justamente esta, cada um de nós, sentíamos vulneráveis diante aquela situação degradante. No entanto, era perceptível a diferenças das crianças de hoje e com nós fomos no passado. Hoje situações como estas não são visíveis nas escolas e os surtos de piolhos ainda é uma realidade constante neste ambiente. Se fossem, com certeza os alunos já não permitiriam, se queixariam, haveria protestos, enfim, há mais diálogo nas escolas atuais, fortalecido por uma gestão democrática, uma educação voltada para a democracia.

A educação para a democracia difere, também, da simples instrução cívica, que consiste, por exemplo, no ensino da organização do Estado e dos deveres do cidadão, bem como difere da formação política geral, que visa a facilitar aos indivíduos a informação política, qualquer que seja o regime vigente. Em decorrência, a EPD nunca se fará por imposição, como uma doutrina oficial, mas pela persuasão, até mesmo

porque um dos valores fundamentais da democracia é a liberdade individual, que não pode ser sacrificada em nome de qualquer ideologia, mesmo que esta apareça sob os tons de uma ideologia redentora e nacional (BENEVIDES, 1994). Este exemplo, só vem corroborar com a afirmação de Fernandes e Paludeto (2010, p.233) “a educação voltada aos direitos humanos ainda não faz parte da prática nem do currículo da escola brasileira”.

Naquela época também havia muitas coisas boas, no pátio fazíamos o primeiro lanche, lembro-me do gosto do leite e bolachas, sendo que às sextas-feiras acrescentavam ao leite um saborzinho especial (achocolatado, que na época era difícil nos lares mais humildes), o que me agradava bastante a todos os alunos da chamada Caixa Escolar. Na quadra esportiva que não era coberta mais se beneficiava a sombra fresca de uma linda Flamboyant, cujas flores usávamos todos os anos na época da primavera para fazer os trabalhinhos de colagens nos cadernos.

Recordo-me, ainda, que durante as aulas da Tia Cleuza, no terceiro ano do ensino fundamental, os treinos de palavras, ditados, os exercícios no caderno de caligrafia para melhorar minha letra, que não era bonita, mas que melhorou muito, mesmo não sendo hoje a mais perfeita. Com a Tia Cleuza aprendi a jogar dominó e também dama, que era pintada no pátio da escola em pedras de cimento. Jogávamos com tampinhas diversas. Considerávamos que as brincadeiras faziam sentido no aprendizado como bem afirma Kishimoto (2008) à atividade lúdica se mostra fundamental na formação da criança, sendo um recurso de grande valor para a prática pedagógica, contribuindo para o desenvolvimento psicológico e motor da criança.

Das lembranças desta época, ainda tenho um “caderno de trabalhinho”, assim chamado por mim desde pequena, o qual minha mãe guarda em seus pertences que contém atividades de ligar pontinhos colorir formas, ligar imagens a letras e desenhar a própria mão. Atividades que as minhas primeiras professoras realizavam e que muitas até hoje são trabalhadas nas séries iniciais.

Nesta época conseguia sentir meus primeiros afetos pelo magistério. Comecei a sonhar em ser professora, em ensinar. Sempre que vinha da escola para casa meu contato com os cadernos eram constantes, tinha vontade de ficar ali olhando o que eu tinha feito. Motivo para as contantes broncas da minha mãe, que ao me repreender dizia que se ficasse mexendo nos cadernos ia suja-los.

Posso dizer na minha caminhada na Escola Sinhana Borges, que como já destacado por Piaget (1977) não há aprendizagem sem experiência, pois cada nova

experiência que temos é que vão sendo gerados os conhecimentos. Sendo assim, as primeiras experiências escolares nessa instituição escolar, foram meus primeiros conhecimentos.

Dou um salto no tempo e direciono-me a minha mudança de escola, no sexto ano do ensino fundamental, cursando a série repetente, na Escola Estadual Coronel José Afonso de Almeida, onde fiquei até terminar o ensino médio. Recordo-me com mais clareza desta época, pois já estava mais crescida. A forma de cada professor cobrar a disciplina e, de também ensinar a matéria, ao meu olhar era mais complexo, mas ao mesmo tempo, prazeroso, porque sentia que tinha mais maturidade para os estudos.

Sentia-me um pouco mais confiante, interagia bem com todos da minha turma e da escola, era uma aluna atenciosa e participativa. Monteiro e Franco (2005) destacam que quanto mais o aluno é participativo, mais em progride na escola, evoluindo no ambiente escolar. Ela vai avançando na aprendizagem, na medida em que interage com outras crianças, que se relaciona, estabelece contato com seu grupo, estuda em classes heterogêneas, vivencia a riqueza da diversidade.

Neste momento comecei também, a ter maior interesse, na defesa de poder me expressar conforme penso, poder agir de forma mais transparente, formando uma consciência mais crítica sobre a minha vida e minha identidade como cidadã. Na verdade, comecei a me identificar com a temática “defesa da democracia”, aberta a uma percepção maior de valores, da necessidade de me tornar uma pessoa melhor.

Como destacado por Benevides (1994), na educação para a cidadania é de grande importância criar condições para que os alunos construam conhecimentos de seus direitos e deveres, podendo levar em conta procedimentos de tolerância, igualdade e solidariedade, visando uma reflexão pautada no diálogo e de modo a ampliar os conhecimentos, cujo objetivo não está só na formação da cidadania para também de uma melhoria das condições da vida em sociedade.

Assim, eram meus professores do ginásio, transmitindo valores, refletindo sobre a prática diária em uma educação pautada no diálogo. Lembro-me inclusive das aulas no ensino fundamental, do meu querido professor de Ciências, o professor Berto. Chamava a todos as meninas de Maria e os homens de José, acredito que como esquecia facilmente os nomes e por ter tantas turmas utilizava esta estratégia. Ele chegava na sala sempre com um jaleco branco, um giz na mão e um apagador. Tudo que escrevia no quadro estava na sua cabeça, emanava sabedoria, com uma letra invejável.

Na verdade, posso dizer que ele era querido por mim, mas “odiado” por muitos, pois tinha um semblante sisudo e carrancudo. Mas despertava em mim encantamento quando falava sobre a formação das células, sobre a fotossíntese, era apaixonante a forma e metodologia que ele usava. O professor Berto, como o chamo até hoje nos encontros casuais na rua, ao chegar à sala perguntava quem queria aprender e era para esses que ele ensinava. Assim, carregava a fama de desorganizado por diversas vezes, principalmente, por perder as provas avaliativas de alguns alunos, ou por não carregar nenhum material didático, não cobrava dos alunos se estes tirassem notas boas nas avaliações, mas sempre tentava despertar o interesse dos alunos pela matéria.

Em contraste ao professor Berto gostaria de fazer alusão ao Professor de Matemática, o professor Juca, este sim sabia manter a disciplina dos alunos durante suas aulas. Sempre dinâmicas e silenciosas. Vez ou outra o professor atirava o giz em direção a um ou outro aluno que estava conversando ou mesmo disperso da sua aula.

Ainda, recordo-me de algumas outras disciplinas, em particular tinha muitas dificuldades como, por exemplo, Português. Eram grandes desafios para mim como a grafia correta das palavras, os verbos e as formas de linguagens, que me causavam espanto. Somado a minha dificuldade, também, posso acrescentar o fato da antipatia pela professora, principalmente, com as suas aulas expositivas e ações mecanizadas, onde sempre citada a página no livro de gramática e ordenava que após uma cópia fizéssemos os exercícios.

Neste período sentir fortalecer meu lado social, principalmente, com a minha professora Sandra de ensino religioso. Com frequência realizávamos projetos voltados para a instituição de atendimentos a crianças e idosos da nossa cidade. Estes me deixavam muito feliz e realizada, pois sentia que contribuía um pouco para ver pessoas mais felizes, mais realizadas, enfim, sentia-me uma cidadã melhor. Recordo-me ainda, que era durante as aulas de ensino religioso, que surgiam os debates calorosos entre os alunos. Acredito que por ser uma disciplina com conteúdo mais dinâmico e flexível, tinha aparência de ser mais uma roda de conversa, onde a professora propunha temas de conotação polemica e atual, deixando-nos a vontade para realizarmos longos debates.

Por este motivo, sempre acreditei que a escola era um local em que deveria ter currículo à inclusão da EDH. Como bem destacado por Tavares (2020, p. 60) muitas vezes essa inclusão ocorre “na rede pública estadual por meio da disciplinar idade e da transversalidade e que elas têm influenciado as práticas pedagógicas em direitos humanos”. No entanto, percebe-se que há muitas dificuldades de desenvolver na prática

pedagógica a EDH, sendo as principais: “a insuficiência de conhecimentos no campo teórico e metodológico relacionado aos direitos humanos, a escassez de formações na área e de material adequado, e a ausência de monitoramento das ações” (Tavares 2020, p.60)

Esta é uma realidade que precisaria ser modificada no ambiente escolar, principalmente, na Educação Básica, onde construímos diferentes conhecimentos, adquirimos aprendizados e, ainda, fortalecemos nossa visão de futuro, pois surgem os primeiros sonhos e objetivos a serem concretizados. Torna-se prioritários que os alunos possam entender melhor os valores de uma sociedade, bem como se conscientizem sobre os Direitos Humanos.

De acordo com Brasil (2013) a concretização dos direitos humanos não pode ocorrer à margem da integração social, na ausência de uma sociedade que permita aos seus membros desenvolver-se plenamente. O Brasil, por exemplo, é um país com enormes riquezas, tem uma Constituição (1988) tida como “Constituição Cidadã”, institucionalizou os direitos humanos no país, destacando a cidadania e a dignidade da pessoa humana como princípios fundamentais do Estado Brasileiro, no entanto, ainda não se vê os direitos humanos consolidados plenamente.

Reportando-me novamente a minha vida acadêmica. Quando terminei o ensino fundamental houve uma mudança nos cursos de profissionalização nível técnico, pois foram extintos os cursos de Técnico em Contabilidade e Magistério. Minha vontade era realizar meu sonho de ser professora, mas não tendo o magistério, não poderia. Queria trabalhar com alfabetização de crianças, construir um caminho onde o ensinar não fosse tão distante da formação cidadã, podendo ser como minha professora Sandra, plantando as sementinhas da importância do pensar no próximo, na vida de meus alunos. Pois “a educação é um pré-requisito necessário à liberdade civil, pois os direitos civis se destinam a ser utilizados por pessoas inteligentes e de bom senso, que aprenderam a ler e escrever” (FERNANDES; PALUDETO, 2010, p. 234).

Continuei na Escola Coronel José Afonso de Almeida mais três anos para a conclusão do Ensino Médio, estudando no período noturno, para que pudesse trabalhar durante o dia. Senti uma grande diferença entre os turnos na época, pois os conteúdos ensinados no período matutino eram menos pesados, ou seja, os professores não puxavam muito o estudo, devido aos alunos na maioria trabalharem o dia todo e estudarem. A cobrança era menor por resultados dos alunos, o que às vezes deixava-me um pouco desmotivada. Não era fácil após um dia de trabalho ter que ir para a escola e

encontrar com professores desinteressados em ensinar, visando apenas às notas, muitas das vezes lançadas mediante apresentação somente de um trabalho em grupo realizado dentro da sala de aula, cujo conteúdo se dava na maioria em fazer cópias.

Muitas vezes questioneei algumas a falta de avaliação do conteúdo ensinado e, por algumas, tive como resposta, que a avaliação havia existido sim por meio de exercícios, trabalhos. Os professores do turno noturno também se mostravam sobrecarregados, tanto quanto os alunos, pois alguns vinham para a escola para uma terceira jornada de trabalho.

Foi durante o ensino médio mais especificamente nos festivais de arte e cultura que aconteciam na escola, que foi se tornando mais forte o gosto pela leitura, com atividades divididas entre teatro, poesia ou redação. Desta forma, os alunos em grupos ou individualmente escolhiam a atividade de sua preferência, para participarem dos eventos, que também valiam nota. Por minha timidez na época nunca participei do módulo de teatro ou dublagem artística, mas me encantei com os livros e poesias apresentadas e estudadas ano a ano. Penso que fui um pouco prejudicada pelo fato de começar trabalhar muito cedo com treze anos de idade. Também, quando eu estudava, no período matutino, meus pais assinaram uma autorização para eu que não participasse das aulas de educação física (que na época aconteciam no período vespertino). Sendo assim, ao terminar as aulas diárias ia direto para o trabalho e nunca participei das atividades ministradas desta disciplina.

Neste período de aprendizado do Ensino Médio tive como prioridade a necessidade de avaliar melhor a própria realidade do aluno, interagir com o meio escolar, pois como futura educadora que deseja ser deveria fazer, deveria entender que “a educação é uma prática social. Prática de que se realiza, portanto, na interação integração com outro e com o meio” (COUTO, 2010, p.17). Pois foi devido ao meio em que vivida, minha situação socioeconômica que fui privada de uma oportunidade de uma dedicação maior pelos estudos, ou mesmo quando me dedicava, tinha meu aprendizado comprometido devido a minha jornada de trabalho.

Na verdade, refletindo os estudos de Piaget (1977), compreendi que as influências do meio ambiente são assimiladas pelo indivíduo, reduzindo a seu próprio ponto de vista, ou seja, atribui aos outros a sua própria visão das coisas. Desta forma, atribui a minha visão de me formar uma professora, sendo capaz de auxiliar os alunos que passaram tantas dificuldades como eu mesma passei, sejam crianças, adolescentes ou adultos.

Neste tempo todo estudando compreendi que a Educação é de fato um direito de Todos e que como seres de pleno direito devemos correr atrás para conseguirmos seguir em frente, mas nem sempre isso é fácil. Com o sonho adiado, minha vida foi trabalhar e auxiliar a minha família, depois constituir uma família, sendo esposa e mãe de uma linda garotinha. Foi aí que a vontade de me formar uma pedagoga foi ainda mais forte, retomando meus estudos, pois agora teria alguém para lutar, para dedicar um futuro melhor. Também acompanhei sempre de perto a evolução de dois irmãos que concluíram o ensino superior, um irmão formou-se em Geografia e uma irmã em Pedagogia.

Sempre com as histórias vividas na escola, fui ficando cada vez mais encantada e retomei a vontade de ser professora, desta vez com maior empenho e dedicação. Foi quando surgiu a oportunidade, fiz a prova para seleção e tendo naquele momento a certeza que meu caminho estava traçado por Deus. Quando saiu o resultado passei em primeiro lugar para o curso de Pedagogia. Então depois de vinte anos do sonho adiado conseguir entrar para o Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, onde sou concluinte, realizando este memorial.

Desde o início do curso até o momento sinto estar cada vez mais perto de me tornar uma profissional da educação, mas principalmente, tenho a certeza de ter feito a escolha certa. O curso de pedagogia veio para minha vida como um divisor de águas, transformando minha rotina e meus anseios por conhecimentos cada vez mais. Por este motivo, tenho a certeza de estar no caminho certo, principalmente, quando relaciono o que tenho aprendido nas disciplinas do curso com a vida escolar da minha filha. Reconheço na prática ainda me falta experiência pedagógica, mas na minha essência tem o amor pelo que desejo fazer, a certeza de uma escolha bem feita.

No início depois de tanto esforço para estar na universidade, pude reavaliar toda a minha trajetória até a matrícula, percebi que:

[...] ainda que o processo educativo se desenvolva em todos os contextos sociais, o direito à educação é vivenciado principalmente pelos que frequentam a escola, especialmente a escola pública e laica. Cabe à escola ser o lócus privilegiado para efetivar esse direito, pressupondo-se que essa instituição seja capaz de propiciar, ao indivíduo, uma ação transformadora das suas condições de existência, e prepará-lo, como cidadão, para a vida na sociedade (CAMPOS; SILVA; FREITAS, 2019, p. 3).

Por este motivo, o comprometimento com a educação, como o ensinar tornou-se mais forte, pois gostaria de exercer minha prática tendo a oportunidade de garantir

essa preparação aos meus alunos. Sei que a escola é sim este ambiente privilegiado para efetivar o direito a educação, mas também, sei que muitas vezes podemos ser privados de efetivar esse direito (como eu fui para trabalhar), mas que se persistirmos conseguiremos concretizar essa realidade.

No curso de Pedagogia aprendi muito, mas um dos temas que mais me identifiquei foi sobre os Direitos Humanos, mais propriamente a Educação em Direitos Humanos (EDH), que pode ser entendida como sendo:

[...] toda aprendizagem que desenvolve o conhecimento, as habilidades e os valores dos direitos humanos. O reconhecimento pelo professor da importância dos direitos humanos serem trabalhados em sala de aula deverá estar em sintonia com o projeto político-pedagógico e com a gestão da escola (BRASIL, 2013, p.60).

Desta forma, posso dizer que minha entrada na UFU me fez justamente reconhecer a importância dos DH no trabalho da prática diária, mesmo não havendo uma estrutura curricular enquadrando-o no ensino. De acordo com Brasil (2013) quando o tema é Direitos Humanos se faz necessário ter uma sintonia entre discurso e práticas envolvidas no processo educacional. Além disso, “Educar para os direitos humanos dignifica o homem, faz dele protagonista de um projeto que tem como objetivo um mundo melhor, assegurando que o direito seja para todos” (BRASIL, 2013, p.34).

No campo da prática pedagógica é fundamental desenvolver a “reflexão à luta pela equidade e pela justiça social, focando nos aspectos políticos do ensino e na construção do saber e do fazer diário na escola” (CAMPOS; SILVA; CICILLINI, 2015, p.444). Por este motivo, compreendo que a cada dia o fazer poderá ser direcionado a uma mensagem do fazer um mundo melhor, de transformar pela educação, valorizando sempre o que há de melhor o trabalho do professor capaz de formar cidadãos mais críticos e atuantes no meio em que vive.

Acredito que sendo pedagoga posso contribuir para um mundo melhor, principalmente, considerando a importância de entender os seus direitos e lutar por eles. Afinal,

[...] a educação e a informação são ferramentas que proporcionam desalienação e possibilitam que os indivíduos se tornem protagonistas de suas trajetórias. As pessoas em vulnerabilidade psicossocial têm dificuldades em se apropriar de seus direitos, pois vivenciam, em seu cotidiano, diferentes violações e privações devido à desarticulação entre as redes psicossociais (PEDROSO; COMIS; THOMAZ, 2015, p. 172).

A UFU em minha trajetória de vida foi um marco fundamental para que eu conseguisse expandir meus horizontes, pudesse me profissionalizar e conseguir fazer algo maior que é preencher minha vida cuidando e ensinando crianças e adolescentes. Pude compreender a importância de incorporação as Diretrizes Nacionais para a EDH nos projetos pedagógicos, visando assim quebrar a rigidez da educação tradicional, levando em conta a essência do ser humano (do meu aluno), as histórias de vida dos participantes, despertando nestes seus direitos.

A EDH visa, portanto, consolidar os direitos sociais, econômicos e culturais, visando reduzir a desigualdade, distribuindo oportunidades de desenvolvimento. Pela educação é possível “a construção da cidadania e a formação de sujeitos de direitos, cientes de seus deveres e consciente de sua responsabilidade na defesa e promoção dos direitos humanos” (BRASIL, 2013, p.26). Desta forma, promover no campo educacional ações pedagógicas que possam fomentar compreensão e promoção dos direitos humanos torna-se de grande importância não só para a formação cidadã, mas também, para o fortalecimento de uma educação que promove direitos humanos, visto que, como destacado ainda não ocorre plenamente no país.

Diante desta realidade posso afirmar que

[...] a base de uma prática pedagógica reflexiva é a pedagogia crítica que em articulação com uma pedagogia em direitos humanos contribui para um processo contínuo de EDH. O foco dessa articulação é a análise das estruturas de poder no interior da escola e da sociedade (TAVARES, 2020, p.50).

Na prática pedagógica, portanto, se faz necessária uma articulação com os direitos humanos, não só pelo fato de construir uma pedagogia com base na EDH, mas também, de articular um aprendizado que possa facilitar o envolvimento dos alunos na sua vida social e política, sempre articulando desde criança aprendizados que lhes serão úteis para a sua formação cidadã.

Nesta construção, entendo que é importante destacar que a escola cidadã deve apresentar à sociedade projetos de transformação do aluno, priorizando a dignidade humana, preparando indivíduos para que possam participar da formação da sociedade mais democrática e mais justa. A EDH concebe uma formação de pessoas em direitos humanos como um processo de empoderamento - sendo este um processo de conscientização do sujeito em que ele consiga se perceber capaz de construir suas próprias opiniões e decisões a fim de transformar suas relações no meio social, político

e cultural, contribuindo para uma sociedade mais igualitária - que pode ser concretizado por meio de ações preventivas de violações dos direitos humanos em diferentes espaços. Neste aspecto, a educação revela como um elemento essencial a formação do cidadão enquanto sujeito de direitos, consolidando seu sentido pleno ao afirmar a dignidade da pessoa humana (BRASIL, 2013).

Pelo que compreendi no decorrer dos conceitos relacionados aos DH que a EDH se torna um elemento não só de formação, mas de luta por uma sociedade melhor, mais justa e mais igualitária, onde todos se reconheçam como cidadãos de direitos, como também, saibam reconhecer e respeitar que os demais também têm os mesmos direitos. Na UFU compreendi com muita propriedade as palavras de Almeida e Soares (2010) ao destacarem que sem uma boa formação não haverá bons profissionais.

Como ensinar? Como mostrar para os meus alunos a importância de terem direitos e buscá-los? Ou mesmo, da importância da formação cidadã para a sua vida em sociedade? Na verdade, pude encontrar nos conteúdos de Direitos Humanos o verdadeiro valor do trabalho do professor, que está em entender que o ambiente escolar pode propiciar conhecimentos teóricos, mas também de vida, sendo subsídio para o crescimento de uma sociedade mais igualitária. Pois, segundo Cury (2012, p. 135) “a importância da educação como mediadora da transmissão de conhecimentos e de valores é assim reconhecida por envolver todas as dimensões do ser humano.”

Como bem destacado por Campos, Silva e Freitas (2019, p. 5):

[...] os fundamentos dos direitos humanos legitimam a essência dos direitos que são conferidos aos seres humanos e que precisam ser garantidos, respeitados e efetivados na prática, no cotidiano das pessoas. Seu aspecto histórico dá a dimensão de sua importância, uma vez que evoluem com o passar do tempo e acompanham a dinâmica da evolução do homem e da sociedade.

Desta forma, nunca poderei deixar de trabalhar uma EDH, pois está se configurando como sendo a essência dos direitos, pois é por ela que podemos proporcionar aos nossos alunos as vivências formativas que lhes possibilitem o desenvolvimento humano, de modo que eles possam ser melhores, que possam crescer e se tornarem mais capazes, efetivando seu processo evolutivo de forma a entenderem a importância de, na prática, lutar pelo que acreditam. Neste sentido, pode-se compreendê-la como “um projeto que exige envolvimento da comunidade escolar, da rede de programação e defesa dos direitos humanos, bem com dos gestores educacionais e sociais” (BRASIL, 2013, p. 12).

Todos esses anos de caminhada acadêmica até chegar a Pedagogia posso dizer foram de grande valor na aquisição de conhecimentos, mas também, percebi que este curso se tornou um alicerce para minha vida, que me abriu portas, sem dúvida uma das melhores escolhas formativas e profissionais que eu fiz. Podendo entender que como pedagoga, egressa do curso de Pedagogia, tenho como “responsabilidade a organização do trabalho pedagógico desenvolvido na instituição escolar” (ARAÚJO, 2010, p.11).

Ao finalizar este Memorial posso dizer que passei noites em claro ou fui dormir de madrugada, às vezes, até debruçada no teclado do computador. Trabalhando e estudando, sendo mãe, esposa, dona de casa, enfim, sem nenhum dia de descanso, o que me tornou vitoriosa, e ao mesmo tempo um orgulho para minha família. Abri mão de tantas coisas, mas tudo sempre valeu a pena para chegar aonde cheguei. Ainda tem muito a ser concretizado pela frente, mas com garra persistência, esforço e, principalmente, com as bênçãos de Deus é que vou conseguir.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme se pode observar no decorrer do Memorial nasci em uma família humilde, mas que me proporcionou a maior riqueza que é o exemplo, do que é batalhar e correr atrás do que se acredita ser o melhor para alcançar a felicidade e o bem-estar. Tive uma trajetória acadêmica muito gratificante, aprendi muito, brinquei, imaginei, cantei, enfim, vivencie momentos que jamais poderei esquecer. Foi durante toda esta experiência que foi semeado, por meus educadores, a vontade de um dia ser professora como eles e poder espalhar conhecimento e amor, deixando assim uma marca minha na vida e no coração dos meus futuros alunos, como um foi deixado em mim.

Uma trajetória escolar cheia de realizações, em escolas diferentes, mas onde me sentia sempre acolhida, mesmo com as adversidades vividas, na troca entre o período diurno para o noturno. Com professores presentes e próximos aos alunos e colegas sempre unidos, com vínculos fortalecidos na amizade. Mas por outro lado, também tive que transpor desafios e vivenciar turbulências, pois no Ensino Médio trabalhar e estudar não foi nada fácil. De um momento para outro tive uma grande transformação no modo de vivenciar a vida, de acolhimento escolar, interação com os alunos, enfim, sofri muito para entender a forma de avaliar os conhecimentos, a flexibilidade dos conteúdos e a forma com que os professores trabalhavam.

A experiência escolar foi de grande ajuda para o meu trabalho diário, pois 20 anos adiei meu sonho de entrar na universidade e ser professora. Sempre procurei colocar em prática tudo que aprendi, e usar todo o meu conhecimento para desenvolver um bom trabalho. Resultado desse trabalho eu sempre confiarei a Deus, bem como o reconhecimento das pessoas a minha volta e o apoio de minha família. Essa experiência foi de um enriquecimento enorme para eu buscar a minha própria realização e formar-me professora e poder assim me dedicar cada vez mais ao ensinar.

O período das experiências de estágio foi comprometido pela pandemia, mas creio que cada aprendizado que tive nos momentos teóricos foi importante e que no futuro poderei aprender no dia a dia, preenchendo esta lacuna. Afinal, a Covid-19 também trouxe ensinamentos diversos, mas o principal, que devemos correr sempre atrás de nossos ideais, pois a vida de um momento para outro pode terminar. A cada dia que temos é fundamental que nós possamos correr atrás do que acreditamos, aprender sempre mais e valorizar os que estão a nossa volta.

A partir do momento que eu comecei a estudar na UFU, no Curso de Pedagogia, o meu conhecimento aumentou de uma maneira grandiosa, acompanhei os professores na sua jornada diária, pude estudar novos conhecimentos, adquirir experiências, sempre fortalecendo minha vontade de lecionar. Também tive dificuldades, pois vivi dois anos praticamente de pandemia, um momento de intensa e repentina mudança, principalmente, com o estudo remoto, onde tivemos que nos adaptar de um momento para outro.

Enfim, posso dizer que o curso de Pedagogia, por sua vez, sempre foi à realização de um sonho, uma oportunidade de formação única, onde não só fiz por mim, mas por minha família, minha filha, mas em especial a minha maior incentivadora minha mãe. Sinto que consegui realizar meu sonho e o dela de ter mais uma filha formada e encaminhada. Momentos intensos de aprendizado nos quais sempre busquei compreender não só os conteúdos, resolver as atividades ou cumprir os cronogramas, mas busquei entender os saberes necessários para uma prática educativa.

Na construção do conhecimento adquirido na UFU, pude destacar neste memorial a importância dos Direitos Humanos, mas basicamente, da Educação em Direitos Humanos. Reconhecendo que todos no ambiente escolar têm um potencial criativo e que a EDH proporciona oportunidade aos professores e alunos o desenvolvimento pleno desse potencial. Cabe, no entanto, a escola oferecer, a partir dos temas abordados, condições aos alunos refletir e tomar decisões. Uma educação de qualidade é aquela que proporciona vivências no campo social e ao mesmo tempo científico, dando oportunidade do aluno se desenvolver seu potencial criador, mostrar sua capacidade de realização.

Enfim, não se pode desconsiderar que o Brasil é um país onde os problemas sociais, o preconceito e as disparidades sociais têm contribuído para o declínio do cenário humanitário, cultural, político e econômico. Os direitos humanos podem mudar essa realidade e a educação é o principal caminho para essa transformação, visivelmente possível por meio da dignidade da pessoa humana. Além disso, a educação quando bem construída, quando alicerçada em políticas educacionais estatais que articulam a formação inicial e continuada de professores, em uma perspectiva histórico-crítica, à planos de carreira e boas condições de trabalho, pode contribuir para o desenvolvimento político e social. Além disso, pode promover desenvolvimento, criatividade e inovação, capaz de modificar e ao mesmo tempo transformar vidas, contribuir para o progresso de

mudança de vida, tornando o ser humano mais responsável e solidário demonstrando isso nas suas ações e atos cotidianos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M.; SOARES, K. C. D. **Pedagogo escolar: as funções supervisora e orientadora**. Curitiba: Ibpx, 2010.

ARAÚJO, M. B. **Ensaio sobre a aula: narrativas e reflexões da docência**. Curitiba: Ibpx, 2010.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. Educar para a democracia. In: _____. Os direitos humanos como valor universal. **Lua Nova** [online], n. 34, p.223-235, 1994. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/10255ybIsileXL3WjVjGWVeBB_PZzEsIt/view. Acesso em: 2 jun. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais – Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos Humanos**, 2013.

CAMPOS, A. F.; SILVA, J. M.; FREITAS, K. S. Educação e direitos humanos: caminhos entrelaçados. **Anais... 22ª Semana de Mobilização Científica – SEMOC**, Universidade Católica do Salvador, 2019.

CAMPOS, T. B.; SILVA, F. D. A.; CICILLINI, G. A. Os sentidos dos silêncios na educação: representações sociais e professores formadores da Universidade Federal de Uberlândia. **Educação Temática Digital – ETD**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 442-462, maio./ Ago., 2015.

CHALITA, G. **Educação: a solução está no afeto**. 5. ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.

COUTO, A. C. R. **Ensino fundamental: caminhos para uma formação integral**. Curitiba: Ibpx, 2010.

CRUZ, Lindomar da; SAMPAIO, Nathaly Christiane. Educação em direitos humanos: uma experiência de formação docente no PIBID. **Anais... IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE; VI Seminário Internacional sobre Profissionalização docente – SIPDO/ CÁTEDRA UNESCO**, Congresso nacional de Educação – EDUCERE, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 23 a 27 de julho de 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25348_13505.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Fundamentos de uma educação para os direitos humanos. **Revista de Educação do COGEIME**, v. 21, n.41, jul./dez., 2012, p. 131-143.

FERNANDES, A. V. M.; PALUDETO, M. C. Educação e direitos humanos: desafios para a escola contemporânea. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 30, n. 81, p. 233-249, mai.-ago. 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo brinquedo, brincadeira e a educação**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MONTEIRO, S. M.; FRANCO, C. Turmas de alfabetização devem ser homogêneas? **Letra A: O jornal do Alfabetizador**, Belo Horizonte, ano 1, n, 4, out./ nov., 2005.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em <https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

PEDROSO, L. M.; COMIS, M. A. C.; THOMAZ, R. S. A relação entre os homens e as drogas – uma história de proibicionismo e redução de danos. In: STEFANO, D.; MENDONÇA, M. L. (Org.). **Direitos humanos no Brasil 2015: relatório da Rede Social**. São Paulo: Outras Expressões, 2015. P. 169-178.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

SILVA, A. M. M.; TAVARES, C. Educação em direitos humanos no Brasil: contexto, processo de desenvolvimento, conquistas e limites. **Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 50-58, jan./ abr. 2013.

SILVA, F. L. e. P. Fenomenologia e existencialismo de Husserl à Sartre. **Café Filosófico da TV Cultura**. Jun. 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Z2XPHjSYBfw>>. Acesso: 20 set. 2021.

TAVARES, C. A prática pedagógica em direitos humanos na educação básica. **Revista Olhares**, Guarulhos, v. 8, n. 2, p. 46-62, ago. 2020.